

REVOLTA DAS AGULHAS

Fernanda Maria Macahiba Massagardi¹

Revolta das Agulhas

A arte contemporânea, em especial a intervenção urbana, tem sido veículo de intensa aquisição de cultura, na medida em que retira as obras das galerias de arte e museus e as levam para as ruas, proporcionando a experiência estética a um número maior de pessoas.

A ideia deste projeto surgiu em um Seminário na Fundação Serralves no ano de 2012, em Portugal. A autora e duas professoras portuguesas, Cristina Henriques e Fernanda Santos, decidiram realizar uma proposta de intercâmbio cujos trabalhos fossem criados por grupos de terceira idade.

A proposta de intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal, objetivou a realização de intervenções urbanas. No Brasil, no ano de 2013, alunos de graduação em Artes da Universidade Estadual de Campinas e 125 integrantes de um núcleo de terceira idade de Barão Geraldo, bairro da cidade de Campinas, uniram-se no intuito de criar arte.

A proposta foi realizada pela autora deste artigo no Programa de Estágio Docente da Unicamp, que possibilita aos doutorandos ministrar aulas na graduação. Desta forma, na disciplina de Estágio Supervisionado, os alunos, a convite da autora, foram convidados a participar, uma vez por semana, de atividades envolvendo o grupo de artesanato São José Operário.



Fig. 1 – Aluno Filipe Miranda, aprendendo tricô de braço com uma das integrantes do grupo São José Operário.



Fig. 2 – Aula teórica no grupo São José Operário. Na foto, a autora do artigo mostrando algumas fotos de obras de intervenção urbana.

O grupo reúne-se todas as semanas no salão da Igreja Católica de Barão Geraldo para aprender artesanato. São distribuídas mesas pelo salão e em cada uma delas há um professor que ministra uma técnica diferente. O grupo da Unicamp tinha uma mesa e as senhoras, voluntariamente, não necessariamente toda semana, auxiliavam no projeto.

Foi enriquecedor aprender e ensinar artesanato tendo por finalidade a criação de uma intervenção urbana. No decorrer dos encontros foram aparecendo alguns desafios como, por exemplo, conseguir autorização do Espaço Casa do Lago na Unicamp para a realização do projeto. Outro desafio foi produzir, em quatro meses, trabalhos suficientes para revestir as árvores.

¹ Doutora em Psicologia Educacional; Unicamp; Campinas, São Paulo.

Aliados à prática artística, foram realizados estudos teóricos referentes ao tema da velhice com os alunos. Elias (2001) e Beauvoir (1990) foram algumas as referências teóricas. Constatamos que o cenário descrito por Beauvoir é bastante atual. Muitas pessoas do grupo sofrem de depressão e solidão, apesar de, em alguns casos, a situação econômica ser favorável.

Com relação aos jovens, quando questionados sobre o futuro e a velhice, afirmavam que ela ainda estava muito distante e deixariam para pensar nisso depois. Tal quadro foi revertido no final deste processo.

É sabido que mesmo os idosos, por vezes, encontram dificuldade para assumirem a chegada da vetustez. A maioria dos jovens afirmou querer morrer aos 60.

A exposição anterior confirma o que Beauvoir registrou:

Todos os homens são mortais: eles pensam nisso. Um grande número deles fica velho: quase nenhum encara com antecedência este avatar. Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisível que a velhice. Quando lhes perguntamos sobre seu futuro, os jovens, sobretudo as moças, interrompem a vida no máximo aos 60 anos. Algumas dizem: “Eu não chego lá, vou morrer antes.” E outras, até mesmo: “Eu me mato antes.” O adulto se comporta como se não tivesse que ficar velho nunca. (BEAUVOIR, 1990, p. 10)

Em nossa sociedade, a velhice não tem lugar ou voz. O nome deste projeto surgiu na aldeia de Moledo, Portugal, na qual as senhoras declararam que os netos e filhos creem ser obrigação delas tricotar sapatinhos e tapetes para namorados. Afinal, não fazem mais nada da vida.

No entanto, esse projeto, denominado “A Revolta das Agulhas” vem provar que os trabalhos manuais não são apenas meros presentes para datas especiais, mas podem transformar-se em arte e modificar um ambiente urbano. As agulhas, que antes se mantinham na rotina, agora são ferramentas de criação de arte. Os idosos exercitaram sua criatividade e levaram beleza e significação aos objetos que no dia a dia passam despercebidos.

O projeto recebeu o nome “A revolta das agulhas”, pois as senhoras portuguesas afirmaram que a partir de então as agulhas serviriam para fazer arte, para a criatividade e não como veículo de um fim determinado por outrem. Nesse sentido, a proposta de May confirma:

A necessidade de coragem criativa é proporcional ao grau de mudança. São os artistas que apresentam direta e imediatamente as novas formas e símbolos – os dramaturgos, músicos, pintores, dançarinos, poetas.

[...]

O contato com um quadro desperta em nós uma nova visão, algo de especial nasce no nosso íntimo. Por isso, a apreciação da música ou da pintura, ou de outros trabalhos criativos, é um ato de criatividade da nossa parte. (MAY, 1997, p. 19)

Também foi com surpresa e embaraço que os jovens ouviram comentários sobre a sexualidade e o relato de uma das senhoras, que confidenciou escrever poesias eróticas para o falecido marido. Nesse sentido, Beauvoir também confirma:

Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme, parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar o exemplo de todas as virtudes. Antes de tudo, exige-se deles a serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade. A imagem sublimada deles mesmos que lhes é proposta é a do Sábio aureolado de cabelos brancos, rico de experiência e

venerável, que domina de muito alto a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe à primeira é a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam. (BEAUVOIR, 1990, p. 10)

No término do semestre, realizamos uma reflexão sobre o processo artístico e também pessoal. A conclusão foi a de que, na maioria das vezes, as pessoas possuem uma ideia equivocada sobre a velhice. E que há muito que aprender com pessoas que tiveram muitas experiências de vida.

Para finalizar a disciplina realizamos a intervenção artística no Espaço Cultura Casa do Lago da Universidade Estadual de Campinas, na qual contamos com a presença dos idosos e dos alunos. Em 2014 os trabalhos serão trocados e novas exposições ocorrerão em Portugal e Brasil.



Fig. 3 – Instalação do Projeto A revolta das agulhas no Brasil
Alunos da graduação em Artes da Unicamp e integrantes da terceira idade.

O objetivo maior dessa proposta foi promover um aumento de autoestima nos participantes e integrá-los no circuito artístico da Universidade como artistas e não meros espectadores, além de ampliar horizontes artístico-culturais por meio das aulas e conhecimento de outra cultura.

O projeto em Portugal

Em Portugal o projeto foi coordenado pela professora Cristina Henriques, mestra em artes e moradora de Modelo e Fernanda Santos, mestra em Artes e moradora de Vila Nova de Gaia.

Em Gaia o projeto foi desenvolvido pelos avós dos alunos do Colégio Oceanus e moradores do Lar Salvador Brandão.



Fig. 4 – Lar Salvador Brandão – Gaia

Em Moledo, aldeia portuguesa localizada nas proximidades de Lisboa, contando com aproximadamente 500 moradores, foram realizados trabalhos com a colaboração de pessoas da comunidade.



Fig. 5 – Montagem da Instalação em Moledo

Em Moledo, além das peças para as instalações na aldeia, foram confeccionadas três colchas simbólicas que fizeram parte, em Alcobaça, da Bienal de Arte Experimental Rabiscuit. As senhoras participaram com colchas em homenagem aos três órfãos da conhecida Inês de Castro que, segundo consta, morou em Moledo.



Fig. 6 – Instalação na Bienal de Arte Experimental Rabiscuit – Alcobaça

O idoso e a sociedade-reflexão:

Em nossa sociedade contemporânea, repleta de contradições, o idoso, que deveria ser a memória viva de nossa cultura, tem sido oprimido, esquecido, desprezado.

Simone de Beauvoir em seu livro intitulado “A velhice” revela o preconceito de nossa sociedade e a negação da velhice, que é uma constante. Por vezes, há dificuldade do próprio idoso em aceitar sua condição. Em conversa informal com uma amiga idosa, escutei o seguinte relato: “Estando eu nos tempos de ‘jovem eternamente’, vi minha mãe passando por um espelho, voltar um pouco atrás, olhar – e dizer, entre risonha e assustada: ‘Quem é AQUELA velha???!’”

De acordo com Beauvoir:

A América riscou de seu vocabulário a palavra morto: fala-se de caro ausente; do mesmo modo, ela evita qualquer referência à idade avançada. Na França de hoje, este é também um assunto proibido. Quando, no fim de Sob o signo da História (La Force des choses), enfrentei esse tabu, quanta celeuma provoquei. Admitir que eu estava no limiar da velhice era dizer que esta espreitava todas as mulheres e que já se apoderara de muitas delas. Com gentileza ou com raiva, um grande número de pessoas, sobretudo pessoas idosas, repetiram-me insistentemente que “velhice, isso não existe!”. (BEAUVOIR, 1990, p. 7-8)

Considerando a assertiva de Beauvoir e também a proposta da “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, esta proposta pretendeu alcançar uma camada da população que perdeu a voz e a identidade. Beauvoir esclarece:

[...] os velhos não têm nem as mesmas necessidades nem os mesmos sentimentos que os outros homens, já que nos basta conceder-lhes uma miserável esmola para nos sentirmos desobrigados com relação a eles. Os economistas e os legisladores credenciam essa ilusão cômoda, quando

deploram o peso que os não-ativos representam para os ativos: como se estes últimos não fossem futuros não-ativos e não assegurassem seu próprio futuro ao instituir o amparo aos idosos. (BEAUVOIR, 1990, p. 10)

É importante estar atentos para o nosso futuro e ter ciência de que a partir do hoje e da importância que temos com o idoso estamos construindo nosso amanhã.

Beauvoir alerta:

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados. Essa infelicidade denuncia contundentemente o sistema de exploração no qual vivemos. (BEAUVOIR, 1990, p. 12)

No Brasil, onde a população é, em sua maioria, jovem, até mesmo o adulto encontra dificuldades na busca de um emprego e reconhecimento pessoal. Para algumas vagas, um homem de 50 anos é considerado velho e incapaz. Algumas instituições denominadas de “terceira idade” estabelecem a idade supracitada como condição para a participação em atividades específicas. O que pensar de uma sociedade que cria grupos particulares para que pessoas de determinada idade, teoricamente não produtivas, possam conviver? Beauvoir esclarece:

A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora. “Num mundo em mutação, em que as máquinas têm vida muito curta, não é necessário que os homens sirvam durante um tempo demasiadamente longo. Tudo que ultrapassa 55 anos deve ser descartado como refugo” – disse recentemente, durante um congresso, o doutor Leach, antropólogo de Cambridge. (BEAUVOIR, 1990, p. 13).

De acordo com Bosi (1994), muitas são as formas de opressão as quais os idosos estão sujeitos. Entre elas, podemos citar: a burocracia e a desvalorizada aposentadoria; os asilos, verdadeiros depósitos de pessoas; a precariedade do atendimento público de saúde; o relegar ao velho as atividades monótonas e repetitivas, a recusa do diálogo, as pesquisas que demonstram a incapacidade e incompetência social dos idosos. Beauvoir denuncia:

Contam-nos que a aposentadoria é o tempo da liberdade e do lazer; poetas gabaram “as delícias do porto”. São mentiras deslavadas. A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão “velho e pobre” constitui quase um pleonasma; inversamente: a maior parte dos indigentes são velhos. O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura. O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: essa evidência nos deixaria engasgados se considerássemos os velhos como homens, com uma vida atrás de si, e não como cadáveres ambulantes. Os que denunciam esse sistema mutilador que é o nosso deveriam trazer à luz esse escândalo. É concentrando os esforços nos destinos dos mais desafortunados que se chega a abalar uma sociedade. (BEAUVOIR, 1990, p. 13-14).

De acordo com o exposto, é legítima a luta empenhada das pessoas que passaram anos adquirindo experiência e trabalhando em prol de nossa sociedade e que hoje estão sofrendo essas adversidades que os impedem de estabelecer com a vida um diálogo saudável. Ao contrário, agora enfrentam um embate ainda maior: a luta pela sobrevivência. Bosi alerta:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor. (BOSI, 1994, p. 19).

Simone de Beauvoir, assim como Bosi, denuncia:

Aí está justamente por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio. A sociedade de consumo, observa Marcuse, substituiu a consciência infeliz por uma consciência feliz e reprova qualquer sentimento de culpa. É preciso perturbar sua tranquilidade. Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias. Na França, onde a proporção de velhos é a mais elevada do mundo – 12% da população têm mais de 65 anos – eles são condenados à miséria, à solidão, às deficiências, ao desespero. Nos Estados Unidos, seu destino não é mais feliz. Para conciliar essa barbárie com a moral humanista que professa, a classe dominante adota a posição cômoda de não considerar os mais velhos como homens. Se lhes ouvíssemos a voz, seríamos obrigados a reconhecer que é uma voz humana; eu forçarei meus leitores a ouvir essa voz. (BEAUVOIR, 1990, p. 8)

É fato que “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade” (BOSI, 2003, p. 16). É irreal crer que as mudanças ocorridas no presente são desvinculadas do passado. Kandel (2009, p. 22) afirma que “toda revolução tem suas origens no passado.” Steiner declara:

Não é o passado literal que nos governa, salvo, possivelmente, num sentido biológico. São as imagens do passado. Quase sempre essas imagens são tão estruturadas e seletivas quanto os mitos. As imagens e sínteses mentais do passado são impressas, quase à maneira de informação genética, em nossa sensibilidade. Cada nova era histórica se espelha na imagem e na mitologia ativa de seu passado. (STEINER, 1991, p. 28).

No entanto, o individualismo crescente em nossa sociedade atual termina por romper vínculos importantes entre as pessoas. Elias ensina:

Muitas vezes, as pessoas hoje se veem como indivíduos isolados, totalmente independentes dos outros. Perseguir os próprios interesses – vistos isoladamente – parece então a coisa mais sensata e gratificante que uma pessoa poderia fazer. Nesse caso, a tarefa mais importante da vida parece ser a busca de sentido apenas para si mesmo, independente de outras pessoas. Não é de surpreender que as pessoas que procuram essa espécie de sentido achem absurdas suas vidas. Raramente, e com dificuldade, as pessoas podem ver a si mesmas, em sua dependência dos outros – uma dependência que pode ser mútua –, como elos limitados na cadeia das gerações, como quem carrega uma tocha numa corrida de revezamento, e que por fim a passará ao seguinte. (ELIAS, 2001, p. 42)

Muitas correntes terapêuticas divulgam a importância das pessoas serem felizes sozinhas, bastarem-se. No entanto, é surpreendente o crescente número de doenças contemporâneas como *stress* e *depressão*.

Tais sintomas alertam para uma crise social aguda e requer propostas de diferentes âmbitos para que esse cenário seja modificado.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da Memória*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LINS, Claudia Maisa Antunes. *A arte e a educação*. Juazeiro: Fonte Viva, 2011.

MAY, Rollo. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.